

Riqueza e miséria do trabalho no Brasil III

RICARDO ANTUNES (ORG.)

São Paulo: Boitempo, 2014, 461p.

*Edilson José Graciolli**

O terceiro volume da obra *Riqueza e miséria do trabalho no Brasil* continua a oferecer ao leitor interessado, mesmo sem ser especialista, e aos pesquisadores de ofício uma importante contribuição acerca das dimensões que assumem, no Brasil, o ato laborativo e todo o leque de aspectos a ele afeitos. Por meio de um relevante espectro de análises empíricas e teóricas, são discutidas questões como as modalidades de precarização sob a ordem do capital, as formas da reconfiguração dos processos produtivos e os desafios colocados aos trabalhadores e suas organizações sindicais.

O livro está dividido em três partes, a saber: “Sistema global do capital e a corrosão do trabalho”; “As formas de ser da reestruturação produtiva no Brasil e a nova morfologia do trabalho”; e “Os sindicatos na encruzilhada, ação e resistência dos trabalhadores”.

A Parte I é aberta com uma reflexão do organizador da obra e de Graça Druck sobre a disseminação da terceirização, em que, após uma boa revisão categorial sobre o tema e o pano de fundo representado pela crise global de 2007/2008, evidencia-se que essa tendência de se intermediar a compra da força de trabalho corresponde a uma estratégia do capital, visando à ampliação da taxa de mais-valia, bem como do estabelecimento de maiores dificuldades à mobilização dos trabalhadores.

* Professor da Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: edilsongraciolli@gmail.com

István Mészáros, com um capítulo a respeito de contemporaneidade da teoria social de Karl Marx sobre a globalização, Alain Bihr, com uma discussão sobre as formas concretas do trabalho abstrato, e Daniele Linhart, por meio de um balanço sobre modernização e precarização da vida no trabalho, analisam tendências complementares e decisivas que concernem a um conjunto estrutural de determinações capitalistas muito presentes nos arranjos produtivos de nossos tempos.

Giovanni Alves, em sequência a sua longa trajetória de pesquisador no tema, desenvolve um texto com apontamentos sobre as estratégias gerenciais do capital na globalização, cujo traço central seria, segundo ele, o da busca da “captura da subjetividade” do trabalhador pela lógica do capital. Esse é um tema polêmico, uma vez que a possibilidade de resistência sempre está posta e as pretensões do capital não se efetivam integralmente, mas que, a meu ver, dialoga com a tese gramsciana de que uma ordem de dominação sempre demanda um esforço por parte das classes dominantes em se atingir um patamar de direção moral, intelectual e política.

Temas outros enfrentados nessa Parte I são a jornada de trabalho, a imigração no Brasil sob a óptica do trabalho (vide, por exemplo, os bolivianos na capital paulista e a funcionalidade da clandestinidade em que trabalham), a não imaterialidade dos trabalhadores, a atualização do estranhamento e, em continuidade a este, as interações entre trabalho, alienação e subjetividade.

A Parte II constitui um desenho panorâmico, mas com forte enraizamento empírico e analítico, sobre vários ramos de atividade econômica e, como se desprende de um dos objetivos do livro, sua morfologia contemporânea. A indústria da construção civil, suas novas tecnologias e modos de socialização são o objeto do capítulo escrito por Fábio Villela. Num setor em que o uso do trabalho vivo ainda é muito intenso, como devemos entender as inovações tecnológicas e as diversas modalidades de socialização?

As telecomunicações e o telemarketing, setores de importância estratégica à gestão informatizada da riqueza (a expressão é de um economista da Unicamp, Antonio Carlos Brandão), são abordados pelas formulações de dois pesquisadores com lastro no tema, Selma Venco e Sávio Cavalcante. O trabalho docente voluntário (um dos eufemismos que, a meu ver, ocultam múltiplas possibilidades de precarização do trabalho) é esmiuçado em sua dinâmica e sentido por Maria Isabel da Silva e Cláudia Mazzei Nogueira, que sustentam que também a atual expansão do sistema federal de ensino superior se insere nas políticas neoliberais, tese em relação à qual se pode (e, em minha opinião, se deve) estabelecer um contraponto, posto que expansão do emprego no setor público não se coaduna com neoliberalismo. Essa ressalva, entretanto, não minimiza o aspecto mais central do capítulo, que diz respeito à crítica ao trabalho voluntário na atividade docente.

Um estudo de caso, a respeito do trabalho de rua em Salvador, lança luzes sobre como a informalidade ainda compõe – talvez não como exceção rara... – a paisagem dos que vivem da venda de sua força de trabalho. Bruno Durães oferece

ao leitor elementos para que se conheça o perfil dessa forma desregulamentada e desprotegida da informalidade, o trabalho nas ruas da capital baiana.

Do apoio técnico aos espetáculos teatrais, os trabalhadores da arte também são contemplados no livro, dessa vez pelas palavras de Maria Aparecida Alves, que traz à tona o papel que desempenham modalidades de contrato de trabalho que não ampliam e não repõem o quadro de técnicos necessários às atividades culturais.

O setor da agroindústria fecha a Parte II. As funções laborativas no corte da cana-de-açúcar e no complexo da produção e transformação da proteína animal, bem como o trabalho de operadoras do registro do fluxo de mercadorias na esfera da circulação (supermercados), são apresentadas em quatro capítulos. Interessante e muito pertinente que o circuito do capital (produção, distribuição, circulação e consumo) seja, de certa maneira, resgatado, pois, em algumas oportunidades, os pesquisadores não atentam para a presença do trabalho socialmente combinado em todos esses momentos. Em perspectiva diferente dessa que é lacunar, esse bloco final de textos da Parte II é uma contribuição bastante fecunda à intelecção de como agroindústria e consumo final são encadeados e mediados sempre pelo trabalho humano, aviltado pela lógica do trabalho abstrato e, por vezes, em condições de superexploração, no sentido rigoroso da expressão.

A Parte III reúne análises sobre os desafios e os caminhos do movimento sindical e de outras possibilidades de resistência entre os trabalhadores. Sidartha Sória e Silva apresenta uma competente discussão sobre as relações entre sindicalismo e fundos de pensão, numa trajetória que a CUT vivenciou, da previdência social estatal para a [incerta e arriscada] aposta no mercado. Arnaldo Nogueira discute as relações de trabalho na Mercedes-Benz, problematizando a tese de que estas seriam um novo paradigma e oferecendo como alternativa analítica a de que estaríamos diante de um neocorporativismo. Ruy Braga, a partir do debate sobre o que denomina de “preariado pós-fordista no Brasil”, sustenta que esse segmento da classe trabalhadora evidenciaria os “limites do atual modelo de desenvolvimento periférico”. Parece-me que seu alvo principal seja o de evidenciar o esgotamento do que ele chama de “regulação lulista dos conflitos trabalhistas”, como se um proletariado precarizado na contemporaneidade brasileira fosse resultado, principalmente, dos governos petistas e suas intervenções junto aos trabalhadores.

Paula Marcelino termina a obra com uma ótima análise sobre os trabalhadores terceirizados na região de Campinas (SP). Após uma boa revisão conceitual sobre terceirizações, o desenho que apresenta sobre trabalhadores da Refinaria de Paulínia, da Funcamp, da construção civil e do comércio revela que a ação sindical não está, em termos absolutos, definida pelas terceirizações, uma vez que as respostas dos trabalhadores desses quatro segmentos são diferentes.

Em síntese, estamos diante de mais uma oportuna e consistente contribuição ao desvendamento das formas atuais sob e sobre as quais se dá a subsunção real do trabalho ao capital, num esforço que continua uma pesquisa coletiva e bem-sucedida de muitos anos e que envolve vários pesquisadores.

Palavras-chave: trabalho, precarização, Brasil, terceirização.

CONSULTE A BIBLIOTECA VIRTUAL DA *CRÍTICA MARXISTA*

<http://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista>

CRÍTICA marxista

A atualidade da economia política marxista

Alfredo Saad Filho

Existe uma burguesia mundial?

Danilo Enrico Martuscelli

Editando Marx e Engels

Pedro Leão da Costa Neto

Filmando *O Capital*

Fredric Jameson

O método da economia política

Karl Marx

30